

# Nos dominios da superstição

## Mau olhado e figa

*A. Almeida Junior*

A ação criminógena das superstições é inegável. Refere-a ASCHAFFENBURGO (1), um dos clássicos mais divulgados na materia. Mencionam-lhe os efeitos por vezes horripilantes LOMBROSO, MARRO, FERRI, GROSS (2), A. CORRE (3), MARIO CARRARA (4), FERNANDO ORTIZ (5). Para MAXWELL, que registra um homicídio nascido da crença nos feitiços, à superstição se devem infrações variadas e graves à lei penal (6). O VISCONDE DE CARNAXIDE, em monografia sobre o assunto, ventila fartamente esse ponto de criminologia, examinando-o especialmente à luz da legislação positiva (7).

Para citar ao menos um caso nacional impressionante, recordo a pagina dos “Sertões”, com o episodio sangrento da Pedra Bonita. “Um mamaluco ou cafuz, um iluminado, ali congregou toda a população dos logares mais próximos e, engrimpando-se à pedra, anunciava, convicto, o proximo advento do reino encantado do rei d. Sebastião. Quebrada a pedra, a que subira, não a pancadas de marreta, mas pela

- 
- 1) G. Aschaffenburg — *Crime e Repressão*, trad. de S. G. Lisboa, 1904, pag. 88.
  - 2) Hans Gross — *La Polizia Giudiziaria*, trad. ital. de M. Carrara, 1906, pag. 215.
  - 3) A. Corre, *L’Ethnographie criminelle*, pag. 452 etc.
  - 4) M. Carrara, *Antropologia Criminale*, 1908, pag. 166.
  - 5) Fernando Ortiz, *Los Negros Brujos (Hampa Afro-Cubana)*, 1905.
  - 6) J. Maxwell, *Le Crime et la Société* — 1924, pag. 21’.
  - 7) Visconde de Carnaxide — *As Superstições e o Crime*, 1916.

ação miraculosa do sangue das crianças, derramado sobre ela em holocausto, o grande rei irromperia envolto de sua guarda fulgurante, castigando, inexorável, a humanidade ingrata, mas cumulando de riquezas os que houvessem contribuído para o *desencanto*. Passou pelo sertão um frêmito de nevrose... O transviado encontrara meio adequado ao contágio da própria insanidade. Em torno da ara monstruosa comprimiam-se as mães erguendo os filhos pequeninos e lutavam, procurando-lhes a primazia no sacrifício... O sangue espadanava sobre a rocha, jorrando, acumulando-se em torno; e, afirmam os jornais do tempo, em copia tal que, depois de desfeita aquela lúgubre farça, era impossível a permanência no lugar inficionado” (8).

Esse ultrage à civilização, conquanto gradualmente atenuado, não cessou de todo, nem ha esperança de que cedo se extinga. Sob o mesmo feíto antiquado, ou com roupagens novas, a superstição permanece, como produto que é da incultura e de um coeficiente talvez irredutível de misticismo e neurose. Na literatura estritamente medico-legal, varios estudos relativamente recentes no-lo atestam. Um é o livro de HENRI DESOILLE, sobre o ocultismo moderno em criminologia (9). Outro é o documentado trabalho de COSTEDOAT, a respeito da criminalidade mística nas sociedades modernas, fartamente discutido, em Paris, por PIÉDELIÈVRE, CEILLIER, LAIGNEL-LAVASTINE e ROGUES DE FURSAC (10). Um terceiro, mais restrito, é a comunicação de P. RYCKMAN, sobre os crimes e as superstições indígenas (11). Finalmente, entre nós, LEONIDIO RIBEIRO e MURILLO DE CAMPOS descrevem e analisam o fenomeno social do espiritismo, numa obra considerada por EDUARDO MEIRELLES “da mais sã biologia, um pregão profilático contra a loucura, o crime e os mais desa-

---

8) Euclides da Cunha, Os Sertões, 3.<sup>a</sup> ed. 1905, pag. 144. Sobre infanticídio ritual, v. Enrique Casas, Ciencias, Costumbres y Supersticiones relacionadas con el nacimiento, 1932, pags. 98 a 124.

9) Henri Desoille, L'Occultisme Contemporain en Criminologie, Considérations Juridiques et Médico-légales, 1929.

10) A. Costedoat, La Criminalité Mystique des Sociétés Modernes, in An. Méd. Lég. de Paris, março 1930, janeiro 1931.

11) P. Ryckman, Crimes et Superstitions indigènes, 1930.

tinados desvarios a que a mentalidade perturbada pode ser levada” (12).

Basta olhar para o que nos cerca. Leiam-se, por exemplo, os fatos diversos dos jornais. A cada passo, amostras vivas da mentalidade supersticiosa, seja nos ritos grosseiros da feitiçaria, seja na exploração da cartomancia, da quiromancia, da *buena dicha*, ou ainda no aparato do espiritismo de fancaria. A pagina de anuncios é fertil. Pedras milagrosas, talismãs profilaticos da desdita, olhos devassadores do futuro, artifices infalíveis da felicidade, adivinhos do numero premiado da proxima loteria (13), e outros, — ali se assestam, tentando a fraqueza humana. Como permanecem anos e anos na secção paga dos jornais, ou reincidem frequentemente em publicidade, devemos inferir que lhes não escasseia a clientela.

Quem acompanha a crónica policial notará como a miude o crime se emaranha na teia das superstições, tendo-as ora do lado do autor, ora no da vitima. Ha poucos meses, era o esfaqueamento cruel de uma preta que, pelo feitiço, roubara a virilidade de um português. Pouco antes, uma extorsão, sob ameaça de castigos sobrenaturais. De vez em quando, referencias à transmissão dolosa de molestias, para o efeito da cura (14).

De tempos em tempos, uma batida policial rompe os bastidores de algum pantomimeiro arguto que, à custa de momices e benzeduras, explora a simplicidade alheia e zomba da letra expressa do Codigo Penal.

---

12) Leonidio Ribeiro e Murillo Campos, *O Espiritismo no Brasil*, 1931.

13) Num jornal de Porto Alegre, de janeiro deste ano, vi um curioso anuncio de ledor do futuro, especialista em bilhetes premiados da loteria.

14) Acredita-se que o doente de uma molestia infectuosa ficará curado se transmiti-la a outrem. As molestias venereas devem ser comunicadas a virgens ou a crianças. Dalla *Volta* descreveu, em 1909, um “caso tragico de carater sexual; com toda probabilidade provocado pela crença supersticiosa ainda difundida entre as camadas mais baixas da população e da qual até agora existem traços nas classes superiores, ao menos na literatura, como no romance de *De Goncourt*” (*Arch. Antr. Crimin.* fasc. II, 1930, pag. 284). Quanto aos leprosos, de que tanto se fala, os medicos que cuidam deles, nas colonias do Estado, e que ouvi sobre o assunto, desconhecem qualquer caso autentico de tentativa criminosa de transferencia do mal.

Muitas vezes, como assinalam GROSS (15), REISS (16), NICEFORO (17), e LOCARD (18), o criminoso rodeia o delito com práticas supersticiosas que, ou lhe agravam o feito, ou facilitam a tarefa da policia.

Bem se vê que vinte ou trinta seculos de civilização não conseguiram erradicar da vida social o espirito supersticioso. “Os que supõem que o intellecto humano está evoluendo com rapidez, devem atentar para a emotividade, o irracionalismo e a superstição, tão difundidos neste luminoso seculo vinte, e compara-los com a idade aurea da Grecia, quatro ou cinco seculos antes de Cristo. De fato, desde os tempos da raça de Cro-Magnon, desde, talvez, ha vinte mil anos atraz, não tem havido acentuado aumento da capacidade craniana no homem, nem, provavelmente, sensível acrescimo de suas possibilidades mentais intrinsecas” (19).

E' raro que o homem considere e analise com frieza objetiva os fenomenos que o cercam. A afetividade deforme o raciocinio. O temor das forças ocultas conduz boa parte das suas ações, e, algumas vezes, o arrasta ao crime. Como fechar os olhos à superstição? Como desconhece-la, no dinamismo social, abstraindo das suas causas e efeitos? O psicólogo, o criminologista, o higienista, o sociologo, são obrigados a aceitar-lhe a existencia e a estuda-la, ao menos para saber a força do inimigo e delinear planos com que combata-lo (20).

---

15) Gross, op. cit. pag. 216.

16) R. A. Reiss — *Manuel de Police Scientifique*, 1911, pag. 178.

17) Alfredo Niceforo — *La Police et l'Enquête Judiciaire*, 1907, pag. 232.

18) Edmond Locard — *Manuel de Technique Policière*, 2.<sup>a</sup> ed. 1934, pag. 97

Os quatro autores acima referem a superstição pela qual convem ao criminoso defecar no local do crime, para embarçar a ação da policia. O prof. Alcantara Machado registra um caso, no Brasil. S. Smillie mostra como, pela pesquisa de parasitas nas fezes, se pode presumir da nacionalidade do criminoso (*Arq. Soc. Med. Leg. S. Paulo*, I, — I — 2.<sup>o</sup>, maio 1922, pag. 75).

19) Edwin Grant Conklin — *The Trend of Evolution*, in *The Evolution of Earth and Man*, 1920, pag. 395.

20) George Sartou, em sua *Introduction to the History of Science*, declara não dedicar muita atenção ao estudo das superstições e da magia, isto é, da sem-razão, porque isso não o ajudaria a entender o progresso humano. A magia é essencialmente retrograda e conservadora; a ciencia é essencialmente progressiva; a primeira vai para traz, a segunda para a frente. Sendo a loucura humana sempre re-

## O ELOGIO DA SUPERSTIÇÃO

A superstição é má...

Tem sido, porem, exclusivamente má? Não haverá, no longo passado, ocorrencias que deponham em seu favor e lhe atenuem os crimes? JAMES FRAZER, que a conhece intimamente, apresenta-se à barra do tribunal, como advogado seu. Articula fatos de todas as terras e de todos os tempos. E conclue: em determinadas circunstancias, a superstição teria sido util, com quatro beneficios essenciais: 1) incrementando o respeito pelo governo, especialmente pelo governo monarchico, contribuiu vigorosamente para a manutenção da ordem civil; 2) por talismãs e encantamentos varios, conservou e avivou o respeito pela propriedade privada; 3) atravez dos seus tabus, criou os impedimentos sexuais e favoreceu a moralidade, fora e dentro do casamento; 4) ameaçando de sanções misticas os que derramam o sangue alheio, estimulou o respeito pela vida humana.

Governo, propriedade privada, casamento, respeito pela vida, — tais os quatro grandes pilares em que repousa a sociedade atual. Ergueram-se e em boa parte se consolidaram à sombra da superstição. Por muito tempo ainda, a superstição ajudará a mante-los.

Esses os beneficios. Ainda assim, o advogado não se extrema em amores pela ré e exige, contra ela, inexoravelmente, a pena de morte. Bem sabe que não vai ser atendido desde logo, pois o carrasco benevolo esperará. Como no Aeropago da Grecia, o julgamento está se processando

---

trograda, imutavel e ilimitada, seu estudo constitue tarefa sem horizontes. Não pode haver incentivo em analisar o que é indefinido, em investigar a historia de coisas que não se desenvolvem.

Não me parecem justas as ponderações de Sartou. Se o progresso humano resulta de duas forças, — a ciencia, que impele para a frente, e a superstição, que solicita para traz, — como ignorar o valor de uma das componentes? Demais, a mentalidade supersticiosa é um fato humano, que o homem não deve desconhecer. Util ou inutil? Pouco importa à indagação scientifica. Tambem a loucura é inutil, e, mesmo assim, a estudamos. Estudamo-la pelas suas relações com os demais fenomenos da vida. Estudamo-la porque interfere nos acontecimentos sociais.

durante a noite, uma longa noite de muitos seculos, e a execução só se fará quando o sol clarear no oriente. Mas, embora tardia, é necessario que se faça (21).

## O OBJETIVO DESTE TRABALHO

Ai estão, nas suas linhas gerais, as relações mais intimas entre a superstição e o crime, entre a superstição e a vida social. Não me proponho repisar materia que muitos já versaram com autoridade e proficiencia. Em outras oportunidades, tratei de alguns aspectos curiosos do problema (22). Aqui, meu intuito se resume em assinalar, em nosso meio, certas modalidades da crença no chamado “mau olhar”, e, ao mesmo tempo, esquematizar a explicação psicologica do fenomeno.

## O MAU OLHADO ATRAVEZ DOS TEMPOS E DOS POVOS

A sinonimia do mau olhar é dada por LEITE DE VASCONCELLOS: fascinação, olhadura, má olhadura, olhar; na lingua antiga, mal de olho, olho mau (23). *Malocchio*, *fascino*, *jettatura*, para os italianos; *evil eye*, para os ingleses; *Der böse blick*, para os alemães; *mauvais oeil*, *jettature*, para os franceses; *mal de ojo*, para os espanhoes.

Sua disseminação é ampla, podendo-se afirmar universal. Todos os povos semi-cultos tem acreditado nessa “influencia magica e funesta exercida voluntaria ou involuntariamente, com o olhar ou o louvor, por uma pessoa noutra, num animal ou num objeto” (TUCHMANN).

---

21) James George Frazer — *The Devil's Advocate* (A plea for superstition) 2.<sup>a</sup> ed. 1927.

22) A. Almeida Junior — Duas conferencias sobre Puericultura Popular (crendices e superstições), Na Socied. Med. Cir. S. Paulo, 1928.

23) J. Leite de Vasconcellos — *A Figa*, 1925. Magnifica monografia, de que colhemos abundantes informes.

Conheciam os gregos a “alexiana”, a que opunham a força de um feitiço, a bascania. Era-lhe causa a inveja, e PLUTARCO refere o fenomeno e os amuletos que, pela forma obscena, desviavam os olhares malignos ou os abrandavam pelo riso. PLATÃO alude incidentemente ao mau olhado, em PHAEDO. ARISTOTELES, mestre na observação da natureza, não repelia a ideia de “que o influxo oriundo de certos olhares pudesse acarretar turbações funestas no corpo e no espirito dos fascinados”.

Admitiam os romanos a “fascinatio”, e era de praxe, quando louvavam alguém ou alguma coisa, acrescentar palavras equivalentes ao nosso “salvo seja”, que neutralizassem o efeito possivelmente malefico do elogio: *praefiscini*, ou *praefiscini dixerim* (24).

Tambem entre os Arabes temia-se o mau olhado, irradiado principalmente pelas pessoas de olhos azuis. Citam-se entre eles “homens notaveis pela beleza, que cobrem o rosto, sobretudo nas festas e mercados, para proteger-se contra o mau olhado” (25).

Conhecem a superstição os espanhóes, que ao menos na Galicia e Andaluzia, usam figas para proteger-se do “mal de ojos”. ELWOLTHY nota a sua existencia na Inglaterra. Do mesmo modo, a credence ocorre na Alemanha e na Austria. Os franceses admitem o mau olhado, capaz de levar ao crime (MAXWELL) e de inspirar artistas do porte de GAUTIER.

Mas a Italia, mormente a do Sul, parece a patria de eleição do “malocchio”, do “fascino”, da “jettatura”. Em Roma, Pio IX teve fama de “jettatore” e, à sua passagem, os fieis, depois de se ajoelharem e se persignarem, faziam figa. O vapor *O Eletrico*, conta FRANCESCHI (26), iniciara a travessia Palermo-Napoles, com um mar de rosas. Em meio da viagem, porem, surpreende-o a tempestade, que ameaça naufragio. Notam os passageiros que entre eles se acha o

---

24) G. Franceschi — *Superstizione*, 1914, pag. 13.

25) James George Frazer — *Tabou et les perils de l'âme*, trad. fr. de Henry Peyre, 1927, pag. 102. — Vêr em *Folkways*, de W. G. Sumner (N. Y., 1906), boa copia de informações etnograficas sobre o mau olhado.

26) G. Franceschi, op. cit., pag. 157.

barão G. . . , havido como “jettatore” famoso. Um dos mais crentes saca, então, do revolver, e ameaça de morte o involuntario causador do perigo, intimando-o a fazer cessar a tempestade!

Finalmente, na literatura portuguesa, vem a abusão mencionada desde o seculo XIII. No seculo XVII, D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO a registra, nos seus *Apologos dialogais*, dando-lhe credito (L. VASCONCELLOS).

### O MAU OLHADO NO BRASIL

O nosso folclore é, como se sabe, a mescla do de varios povos. “Mestiçagem de crenças”, disse EUCLIDES DA CUNHA. “Ali estão, francos, o antropismo do selvagem, o animismo do africano, e, o que é mais, o proprio estado emocional da raça superior, na epoca do descobrimento e da colonização”. Sem falar na contribuição cigana, que, alem das novidades proprias, disseminou o que existia (MELLO MORAIS); e, ao sul do Brasil, no quinhão do imigrante moderno.

Dai o ecletismo dos mitos, manifesto na heterogeneidade de rituais e na balburdia dos exorcismos, dentro dos quais se costuram, como em colcha de retalhos, nomes de entidades do mais berrante contraste. Em plena cerimonia de magia, uma invocação de santo ou uma Salve Rainha. O sapo dos feiticeiros vive em promiscuidade com o rosario e a cruz. O Caipora e o Saci acotovelam, irreverentes, Nossa Senhora. Lança-se ao fogo a mecha de cabelos da mulher ingrata, e rezam-se tres Ave-Marias. Do pescoço da criança, pendem amuletos, veronicas, olhos de cabra. . . Cada elemento puro se dilue na caudal das religiões e das crendices extranhas e vai “contribuir à formação desses estratos remotos do inconsciente coletivo, esquecidas a sua origem e significação” (27). Assim é a historia dos ritos, mesmo nas religiões civilizadas.

Mas em todos os mananciais do nosso folclore supersticioso, um traço comum se encontra, porquanto indefectível na mentalidade primitiva: a crença no poder sobrenatural das pessoas e das coisas. “Para essa mentalidade, sob a diversidade das formas com que se revestem os seres e os objetos, sobre a terra, no ar e na agua, existe e circula uma só realidade essencial, una e multipla, ao mesmo tempo material e espiritual” (28). Para o primitivo, como para a criança, tudo sente e tem intenções, tudo é passível de castigo e de premio. As pedras, as plantas, os animais vivem e irradiam fluidos, óra bons, óra maus. Ha coisas “que dão sorte”, — os talismãs, as mascotes, — assim como as que “dão azar”. Muitas senhoras de nossa sociedade não admitem em casa objetos de gêsso nem “parasitas” (orquideas); não toleram o pão com o lado partido para baixo ou o chinelo com a sola para cima; desaconselham o uso de trajo marron ou a gravata de retroz. Dão azar!

Basta existir, para poder espalhar o mal. Em certos povos, “tudo quanto vive goza de um poder místico funesto” (29). Maior porem é a força das pessoas, dos deuses, dos demonios. Alguns espalham fluidos beneficos; outros distribuem o mal. A dificuldade está em discerni-los, para obter a aproximação de uns, o afastamento de outros.

E’ tão energica a influencia das pessoas, — propicias ou nefastas, — que, para se exercer, não se faz mistér a presença corporal. Uma mecha de cabelos tem, como o proprio individuo de que veio, capacidade de agente ou de paciente dos fluidos misteriosos. Tambem o sangue, a saliva, as excreções em geral. Se alguem é nocivo, sua sombra igualmente o é. E seu retrato. E seu nome. Dizer o nome de um individuo, equivale a te-lo presente, para sofrer ou para produzir beneficos e maleficios (30).

---

28) Levy-Bruhl — *Mentalité Primitive*, 2.<sup>a</sup> ed. 1927, pag. 3.

29) Levy-Bruhl — *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*, 5.<sup>a</sup> ed. 1922, pag. 33.

30) “Conta Lord Avebury que o verdadeiro nome de Roma era Valencia, mas os habitantes guardavam segredo com receio de que o inimigo, pelos seus magicos ou

Tais concepções não se apresentam com clareza e unidade ao espirito primitivo, cujo funcionamento não se subordina aos cânones de ARISTOTELES e de STUART MILL. Mentalidade pre-logicã, disse LEVY-BRUHL. Mentalidade conduzida pelos caminhos tortuosos da emoção, ao impulso da maior delas, o medo. Por isso, a superstição não cede à critica, nem se desfaz à luz do raciocínio: acastelada no reducto da efetividade, a logica não poderá atingi-la.

### URUCUBACA E MAU OLHADO

A influencia desse primitivismo, que supõe nos homens forças maleficas sobrenaturais, ainda se encontra clara e evidente entre incultos e semi-cultos de hoje. Andam por aí, aos milhares, os que acreditam no azar emanado de certos individuos. Tivemos e temos literatos, jornalistas, funcionarios, professores, politicos, comerciantes portadores de “urucubaca”. Não convem andar com eles, nem ve-los, nem dizer-lhes o nome. Ao nomea-los, amigos e conhecidos, entre zombeteiros e receiosos, fazem figa. Um presidente da Republica, malsinado pela chacota popular, teve a desdita de ser considerado o maior “urucubaca” do seu tempo. Falou-se, logo depois, num senador federal azarento. E assim por diante.

Existe nessa attitude, de regra, uma parcela de maldade inferior, de intenção mesquinha de difamar, de prejudicar; mas existe tambem outra, muito grande, de primitivismo mental, de misticismo atavico, de que nem os titulos universitarios isentam o individuo. Demais, não fôra a certeza de encontrar, na psicologia popular, terreno propicio, e a intri-

---

feiticeiros, pudessem ter poder oculto sobre a cidade. Acrescenta mesmo que Valerius Soranus foi condenado à morte por tê-lo revelado”. (Agenor de Roure — Nomes, art. no *Jornal do Commercio*, Rio, 16 set. 1928).

No conceito dos selvagens, “o nome é parte integrante do homem, e revela-lo é colocar o nomeado sob o poder de outrem”. (Edward Cloude, *Miti e Sogni* trad. ital. de G. Nobili, 1905, pag. 160). Vêr ainda Levy-Bruhl, *Fonte Meut.* pag. 506 e J. G. Frazer, *Tabou et les Périls de l’Ame*, pag. 264.

ga não perderia tempo com semear esse pequenino germe de descredito. E o piór é que os credulos podem efetivamente se prejudicar, com o encontro dos individuos tidos como “urucubacas”: perdem a segurança, começam a desconfiar do seu proprio exito, supondo-se sob a influencia má, e entram assim no caminho do malogro.

Da “urucubaca”, fluido nefasto emanado de determinadas pessoas, — e que, com os mais variados nomes, sempre existiu na mentalidade primitiva, — basta um passo para se chegar ao mau olhado. Os olhos são “o espelho da alma”; nos olhos se reflete, clara e viva, a personalidade do individuo, com seus momentos tempestuosos ou de calmaria; os olhos parecem desprender raios luminosos. Não é preciso mais para se focalizar neles a emanção malefica.

Eu poderia citar aqui, se m’o permitisse a discreção, nomes de relevo cultural em S. Paulo, cujos portadores, embora descreiam do sobrenatural, abrem excepção muito séria para o mau olhado. “O olhar de Raspoutine”, dizia-me ha pouco um intelectual bem conhecido, “projetado sobre uma criança de seis ou oito meses, não poderia deixar de prejudica-la”.

Isto entre os que se cultivam. Que dizer-se, então, dos estratos subjacentes da população, radicados nas suas explicações ingenuas dos fatos morbidos e insolitos da vida, vendo em tudo o misterio e as influencias diabolicas?

Na roça, o mau olhado não atinge somente a saude humana: alcança tambem a ninhada das galinhas, a plantação do milho, a fertilidade das terras, a prosperidade do sitio. Fazenda que haja tido a visita de um “urucubaca” ou o mau olhado de um invejoso, desanda para a ruina. Salvo se houver precauções que conjurem o mal.

## O MAU OLHADO NA LITERATURA

Seria estudo pelo menos curioso pesquisar o mau olhado em nossa literatura. Não são poucas as quadras popu-

lares e modinhas em que a força malefica do olhar vem referida.

*“Olhos que roubam a vida...”*

ou então:

*“Olhos pretos matadores...”*

ou ainda:

*“Teu olhar me assassinou”*

aparecem no cancionero popular.

“A chamejar pelos olhos”; “coar-se-lhe pelos olhos uma peçonha que o dilacerava”; “fuzilando pelos olhos a furia de um possesso”; “aturdido pelo magnetismo daquela voz e daqueles olhos”; “a eletricidade dos teus olhos” — são expressões colhidas ao acaso, em CAMILLO DE CASTELLO BRANCO.

Em varios contos sertanejos, o mau olhado é força condutora do tema. Na propria literatura polida e academica, deitou ele o seu influxo. COELHO NETO levou-o para o teatro. Usou-o em cabeçalho de romance VEIGA MIRANDA. Po-lo em situação de destaque GUSTAVO BARROSO, em *“Tição do Inferno”*. Modos de dar vigor à expressão; liberdades poeticas; mera ficção literaria. Haverá, contudo, certamente, leitores que acreditem...

## AS DUAS MENTALIDADES

A mentalidade primitiva rege-se essencialmente pela emoção, desconhece as categorias aristotelicas, é pre-logica, conduzindo às atitudes “não objetivas” (31). A mentalidade civilisada orienta-se mais pela inteligencia, é logica com STUART-MILL, determina as “atitudes objetivas”. Mas não ha, como é notorio, demarcação nitida entre uma e outra.

---

31) E. T. Krueger and Walter C. Reckless — *Social Psychology* 1931, pag. 250.

Nem o homem nem os povos deixam, um dia, de ser primitivos, para ficarem, no dia seguinte, civilizados. O primitivismo envia prolongamentos tangíveis e emaranhados no seio da cultura, de sorte que, mesmo nos espíritos polidos pelo estudo, não é raro surpreender laivos do passado. “As semelhanças entre o selvagem e nós são ainda mais numerosas que as diferenças que nos separam dele” (32).

Diante dos fenômenos sociais, — um fato econômico, um acontecimento político, um plano de reconstrução da sociedade, — são poucos os que se colocam em posição de serenidade emocional, libertos de antipatias ou simpatias, despojados das injunções supersticiosas e do angustioso temor do futuro, em atitude de retilínea objetividade. Na vida quotidiana, guiam-nos sentimentos irracionais: o preconceito da cor, o temor do ridículo, o menoscabo pelos que desconhecem as usanças de bom tom... Na política, a paixão ofusca os defeitos dos nossos e as qualidades dos outros. Certas palavras sonoras, de conceito indefinível, têm para nós, o prestígio das fórmulas de encantamento. Diante de um programa de reforma social, procuramos inconscientemente nos situar, a nós e aos nossos, com toda a nossa carga de preconceitos supersticiosos, de interesses e sentimentos egoísticos, para depois nos decidirmos pela sua excelência ou desvalia.

Quasi sempre, numa encruzilhada de opinião, o prelogismo afetivo nos impele de pronto por um dos caminhos, em que nos metemos de olhos fechados, para que a lógica, depois, arranje meios de coonestar nossa atitude. Somos conduzidos pela emoção. O medo da fome, o medo da morte, o medo do desconhecido deformam nossos silogismos e condicionam nossa jornada pela vida.

Nesse ambiente mental infiltrado de primitivismo, contaminado de superstição, ninguém pode extranhar que abusões como a do mau olhado tenham foros de cidade.

---

32) James George Frazer, — op. cit. pag. 343.

## O AGENTE ETIOLOGICO

O mau olhar é a causa, o quebranto é o efeito. Nem sempre se faz essa distinção, dizendo-se então, indistintamente, que um certo individuo deitou mau olhar ou poz quebranto em outro; que uma criança está com mau olhar ou está com quebranto. Demais, outras influencias, que não o mau olhar, podem produzir o mesmo efeito: o louvor excessivo e a inveja. A argucia popular reconhece que ha, em todo louvor às qualidades alheias, uma pontinha de inveja!

Algumas pessoas, segundo a teoria popular, possuem cientemente os maus efluvios oculares; outros os tem, mas ignoram. Nem sempre existem, no individuo, sinais somaticos que permitam reconhece-lo malefico. Contudo, encara-se com certa desconfiança o homem magro, palido, de rosto encovado, de fisionomia soturna e nariz adunco. Piór ainda se usa oculos escuros. Um antigo senador estadual me confessou que sistematicamente suspeitava dos portadores de oculos amarelos.

A força do mau olhar é característica irremediavel: quem nasce “jettatore” morre “jettatore”, a não ser que à maneira do heroe do conto de GAUTIER, reproduza façanha de Édipo.

A potencia do fluido nocivo varia de individuo para individuo. Conta-se de um “jettatore” siciliano de tamanha força que se matou, inadvertidamente, por ter olhar num reflector...

Mas o fluxo se descarrega rapido, como a carga electrica do peixe torpedo, ou como a peçonha das serpentes; sendo mistér tempo mais ou menos longo para que os olhos de novo se carreguem. Daí o efeito protetor da figa: recebe em cheio o primeiro olhar, e, por ele, a descarga perigosa. Algumas, diz LEITE DE VASCONCELLOS, se partem com o choque.

## O QUEBRANTO

O quebranto, um dos efeitos do mau olhado, atinge especialmente as crianças. “Em rigor, escreve LEITE DE VASCONCELLOS, quebranto significa quebrantamento do corpo. E’ um estado morbido prolongado, rebelde à ação de medicamentos, e, às vezes, sem causa conhecida. E’ uma dor de cabeça que vem de repente, após o encontro de uma pessoa que se suspeite que deita o mau olhado, dor acompanhada de tremuras gerais e de frio”.

Para BAPTISTA LACERDA, o quebranto se revela “pela palidez da criança, tendencia constante ao sono, olhar amortecido e indiferença aos brincos da sua idade” (33).

Observei ocasionalmente doentinhos que vinham das curandeiras, com o diagnostico de quebranto. Não vi dois casos iguais. Por pouco que perdurem as molestias infantis, sejam quais forem, entram para o dominio largo e polimorfo do quebranto, “que explica tudo quanto os dentes ou as bichas não explicaram” (34).

Entre as curandeiras paulistanas que ouvi, nenhuma pôde dizer claramente os sinais da molestia, o que, aliás, é regra na diagnose popular. Para uma delas, os melhores indicios são “boca aberta, falta de apetite”. Outra falou em “criança caidinha, mostrando o branco dos olhos”.

Um dos nossos mais conhecidos pediatras comunicou-me que aprendera em sua propria casa este processo facilimo de exame: lembe-se a testa do doente; se salgada, o diagnostico é positivo...

Mas os sinais fisicos ou funcionais, que os medicos procuram com tanto desvelo, pouco importam, na nosologia primitiva. A doença, para esta, é força extranha, de materialidade propria, que entra e sae do organismo, e que se

---

33) Arthur Ramos, op. cit. pag. 134.

34) A. Almeida Junior e Mario Mursa — Preconceitos e abusões, in Livro das Mamães, 2.<sup>a</sup> ed., 1932, pag. 162.

individualiza, não pelas manifestações, resultantes da reação do organismo ao agente morbido, mas exclusivamente pela natureza deste.

## DIAGNOSTICO DE LABORATORIO

A clinica invoca a miude o concurso do laboratorio. Não ha de ficar em situação de inferioridade a medicina popular. Aqui vão dois processos dos mais seguros e, evidentemente, bem mais simples que as provas de aglutinação ou de desvio do complemento. Aprendi-os em S. Paulo.

1) Coloquem-se tres carvões acesos na agua: se flutuarem, a criança está com quebranto. Com o concurso do principio de Arquimedes, o diagnostico é sempre positivo.

2) Deixa-se cair uma gota de azeite sobre uma vasilha d'agua: se o azeite se espalhar, pode-se afirmar a existencia da molestia.

O primeiro processo, por uma variante pequena, permite ainda identificar o causador do mal. Cada suspeito será representado por uma brasa: postas estas na vasilha d'agua, a que mais realçar na superficie indicará o culpado.

## TRATAMENTO

Transcrevo a seguir uma serie de indicações terapeuticas, colhidas por mim, para a cura do mau olhado. Ver-se-á, em quasi todas, o hibridismo etnico, manifestado pela mescla de ritos. No mais, as notas universais da crença no valor das palavras, na eficacia dos gestos, na virtude dos numeros.

1. Faz-se uma cruz com duas facas, no chão, sobre um tição de fogo; e a pessoa que está com a criança pergunta: — Que corto aqui? — Quebranto e olhares malignados, deve ser a resposta. A primeira pula então sobre a cruz tres vezes, com a criança nos braços, perguntando a mesma coisa em cada vez, e recebendo sempre a mesma resposta. Pega-

se o tição e atira-se para o lado de onde nasce o sol. O quebranto está cortado.

2. Põe-se o pé da criança doente sobre a cinza e vai-se cortando, em cruz, perguntando-se: Que corto? Resposta identica à do processo anterior. Repetir tres vezes.

3. Faz-se uma mistura de arruda e alho queimado, com que se benze a criança, usando-se ramo de alecrim.

4. O melhor tratamento consiste em benzer a criança com o rosario.

5. Mais eficaz ainda é rezar tres Padrenossos e uma Salve Rainha ao SS. Sacramento.

6. Agua num prato fundo. Tomar de uma folha verde qualquer (melhor de arruda ou guiné), benzer a agua, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Depois, benzer a criança em cruz, com a mesma folha, dizendo: “Fulano! Se quebanto te deram, ou maus olhos te dariam, que te tire Deus, Deus filho da Virgem Maria, sob o poder de Jesus e de S. Silvestre, esta oração que eu te faço que te preste. Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo”. Feito isto, pega-se em uma palha de vassoura, molha-se no azeite e pinga-se tres vezes na agua do prato. Se o azeite se espalhar, ainda persiste o quebranto. Repetir, até que não se espalhe.

7. Cortar um pouco de cabelo da mãe da criança, fazer um novelo e lança-lo à chama da aguardente.

8. Procure-se uma casa que tenha tres portas seguidas. Uma pessoa, com a criança nos braços, passa diante da primeira porta; outra pessoa, de faca em punho, antes da criança passar, pergunta; — “Que corto?” — “Quebranto”, diz a que traz a criança. — “Quebranto corto!”, replica a da faca, e faz, com esta, tres cruzes no chão. O mesmo se repete diante das outras duas portas.

9. Proximo a um fogão com cinza, colocar um pilão e, sobre este, uma peneira, na qual se põe a criança. Dentro do pilão, uma vela acesa. Benzer a criança, nesta situação (35).

---

35) A peneira e o pilão aparecem, no nosso folclore, ligados à ideia de destruição, de esterilização. A mulher grávida que quizer levar a gestação a termo, deve abster-se de sentar-se sobre peneira ou pilão.

10. Assim se curou(?) o filhinho de um joven comerciante de drogas, de meu conhecimento:

A curandeira fez o diagnostico de quebranto pelo metodo do azeite. E receitou: Ao chegar em casa, tirar-lhe toda a roupa. Pôr, numa vasilha d'agua, nove gotas de vinagre e nove dedadas de sal. Lavar o rosto do doentinho nessa mistura, nove vezes. Atirar a agua em logar por onde a criança não passe.

11. Esta reza é infalivel: Com o primeiro nome que te puzeram na pia, eu te curo em nome de Deus Padre e em nome de Deus Filho. Quem te deu tamanho mal, não sei se foi no comer ou no beber, ou no rir ou no falar, ou no ar a trabalhar, ou no sol ou na lua, ou no excomungado ar. Qualquer que seja, homem ou mulher, caia agora por cima da palha (?), que grande será nossa alegria. Padre Nosso, Ave Maria.

12. Falhando a anterior, recorrer a esta, absolutamente especifica:

“Fulano, dois olhos te olham mal, dois te hão de olhar bem, na graça de Deus, do Espirito Santo, Amem. Se é pela cabeça, São João Batista; se é pelo ouvido, Santa Iria; se é pelos olhos, Santa Luzia; se é pela boca, Santa Apolonia; se é pelo nariz, Senhora da Agonia; se é pela garganta senhor São Braz; se é pelos braços, Senhor dos Passos; se é pelo costado, Senhor Crucificado; se é pelo corpo, Nosso Senhor Morto; se é pela barriga, Santa Margarida; se é pelas pernas, Santo Amaro”. Rezam-se depois tres Padrenossos e tres Ave-marias.

13. Tambem esta reza é infalivel: “Leva o que trouxeste. Deus me benza com a sua Santissima Cruz, Deus me defenda dos maus olhos, dos maus olhados e de todo mal que me quizeram. Tu és o ferro, eu sou o aço. Tu és o demonio e eu te embaraço. Padre, Filho, Espirito Santo, Amem” (nove vezes).

Nas “rezas” de desencanto, ora é a tradição que obriga o nome do santo, como Santa Luzia, São Braz, São João Batista, consagrados protetores, respectivamente, dos olhos, da

garganta, da cabeça; óra é simplesmente a tendencia à homofonia, tão comum nas formulas e ditados populares: “braços”, “Senhor dos Passos”; “aço”, “embarço”; “que te preste”, “S. Silvestre”; “alegria”, “Ave Maria”...

O gesto de “cortar”, de “atalhar”, mormente se feito com faca, desfruta alto credito. Vemo-lo em algumas das formulas acima.

Na maioria dos processos terapeuticos, registra-se a crença na força mística dos numeros. Em todas as sociedades primitivas, confia-se nesse poder sobrenatural. Os numeros privilegiados são quasi sempre digitos, ou pouco maiores, não ultrapassando, como de razão, a capacidade intelectual dos crentes. Procurando-se com cuidado, assevera LEVY-BRUHL, encontram-se vestigios de poder magico para todos os numeros, desde o *um* até o *treze*, e, mais raramente, para alguns multiplos deles. E’ de notar, contudo, a frequência maior do *tres* e do *sete*, que persistem nas religiões modernas. O *nove*, que às vezes aparece, pode bem ter a força de um *tres* em dose triplicada...

## PROFILAXIA. A FIGA

Ha preservativos contra a urucubaca e o mau olhado. Ao ouvirem o nome de azarentos notorios, os supersticiosos procuram bater em corpos de madeira, porque a madeira “isola” (36). Os chifres são postos nas casas, desde tempos remotos, à guisa de para-raios do azar.

As criancinhas, mais frageis ao fluxo malefico, devem usar amuletos. Entre estes estão o dente de alho e o olho de cabra. O primeiro é de emprego europeu, transportado para cá, e adota-se de preferencia contra os males da dentição. O olho de cabra (semente de *Abrus precatorius*) usa-se

---

36) “A punição pode ser evitada por atos simbolicos, propiciatorios ou tranquilizadores, como bater em madeira (Jones, Psicanalise, trad. prof. Raul Briquet, 1930, pag. 129).

na roça. Tem ação profilática sobre as doenças dos olhos e também sobre o mau olhado.

Mas o amuleto universal, velho como a civilização e hoje difundido em todos os povos, é a figa.

A figa é, inicialmente, gesto: “Chama-se figa, diz LEITE DE VASCONCELLOS, um gesto magico que se obtem com a mão fechada de maneira que o dedo polegar sobressaia d’entre o indicador e o médio”. Faz-se ora com a mão direita, ora com a esquerda. A da mão esquerda tem mais virtude: o esquerdo, o “sinistro” goza sempre de privilegios diabolicos e misticos. Os mais cautelosos fazem figa com as duas mãos. Quando, à moda italiana, se incorpora ao gesto todo o antebraço, apoiando-se a mão oposta sobre a dobra do cotovelo, passa a figa a ser movimento de aggressiva obcenidade.

O gesto da figa pode ser estereotipado em amuleto, de varios tamanhos. Em quitandas e em carroças de italianos, tenho visto figas de quasi meio metro de comprimento. Contudo, na coleção que iniciei, atravez de feiras e mercados, a maior não passa de 12 centímetros.

Nos pobres, predominam as figas de madeira, sendo que os pretos dão preferencia às de raiz de guiné. Esta planta, por si só, é util em casa, no quintal ou num vaso, como guarda contra a inveja. Arranca-se o pé numa sexta-feira da paixão, e, com faca de aço nova e fina, não usada em outra coisa, faz-se a figa, que pode ser pintada de preto toda ela ou só no punho. E’ melhor que represente a mão esquerda.

Tambem se usam figas de coral. O coral, como se sabe, é procurado desde afastados tempos, para adorno. Parece que o homem da idade de bronze o conhecia. Os romanos atribuiam-lhe virtudes curativas e profilaticas multiplas. PARACELSO lhe dava o poder de conservar a virilidade e de evitar a epilepsia. Os beduinos, musulmanos e piratas da Argelia estão convencidos de que as contas de coral livram do genio maligno os cadaveres sepultados. Trata-se, portanto, de uma velha tradição de força magica.

Outras substancias, para o feitio de figas, são o chifre, o ambar, o azeviche, todos de grandes virtudes. Os ricos dão-se ao luxo de figas de madreperola, de marfim, de prata ou de ouro.

### SIGNIFICAÇÃO PRIMORDIAL DA FIGA

Qual a significação primordial da figa? A semelhante pergunta, responde LEITE DE VASCONCELLOS, sintetizando os dizeres dos que estudaram o assunto:

“Para repelir da gente, dos animais, e de tudo, a ação nefasta que se julgava produzida por certas pessoas e por imaginarios espiritos da Natureza, costumavam os antigos apresentar-lhes hostilmente coisas tidas como pudendas, v. g. os emblemas de um e outro sexo, ou a propria realidade”.

O exemplo vem dos deuses. Quando Priapo está para sair do ventre de Venus, a invejosa Juno, forma o proposito de deitar-lhe uma sorte má. Disfarça-se em parteira e vai espera-lo, às portas da vida. Priapo surge, sanguinolento. O olhar de Juno percorre-lhe o corpo, prestes a irradiar o mal. Uma surpresa, no entanto, a detem e a desarma: os órgãos indicadores do sexo do recém-nascido apresentam proporções insolitas, desconhecidas mesmo entre os deuses. Extasiada, Juno resolve poupar o filho da inimiga.

Em Herculano e Pompeia expunham-se, nas casas, modelos fálicos, de tamanho consideravelmente aumentado. As conchas do genero *Cypraea* (*C. mauritanica*, *C. aurora*, *C. moneta*, etc.), cuja forma faz lembrar os órgãos sexuais femininos, foram e são usadas para preservar de influencias maleficas. Até hoje aparecem elas no pescoço das crianças. Figa vem de “figo”, fruto que, entreaberto, representa o mesmo que a concha Ciprea.

Portanto, quer o órgão masculino, quer o feminino, mostrados em natureza ou em effigie, protegem contra o mau olhado.

A figa gesto e a figa amuleto reúnem em si, “conjugan-

do-se, os dois emblemas, embora figurados diversamente, pois se imitam com a posição dos dedos” (L. VASCONCELLOS).

O amuleto que as mães carinhosas põem ao pescoço das crianças, ao lado das veronicas e dos bentinhos, é, portanto, uma figura dobradamente obscena, como obsceno é o gesto tão usual, feito com a mão, para afugentar o azar.

### PSICOLOGIA DO MAU OLHADO

Aos primitivos, sempre lhes pareceu que das pessoas e das coisas efluem correntes misteriosas, capazes de atuar à distancia. A investigação etnografica, levada a todos os continentes e ilhas, encontra invariavelmente essa noção supersticiosa. Afigura-se-nos, mesmo, essa identidade conceptual, um dos bons argumentos em favor da afirmação de que, embora em condições topograficas afastadas, o espirito humano, nos seus primordios, realiza construções sempre semelhantes.

Capaz de agir para o bem ou para o mal, esse fluido cura ou produz molestias, atrae ou afugenta a caça, seca ou vivifica as plantas, propicia a vitoria ou desencadeia a derrota.

O fluido misterioso vem do corpo todo— braços, pernas, cabeça, tronco, cabelos, — e de tudo quanto, segundo os primitivos, é dependencia do corpo: excreções, halito, sombra, representações simbolicas, nome. Não ha, na superstição selvagem, a insulação dos efluvios perigosos no olhar.

Mas a civilização e o frio começam a vestir o homem. A pouco e pouco, o corpo vai desaparecendo, por baixo das peles animais e dos tecidos. O rosto, porem, se conserva descoberto. A expressão mimica se concentra nele, favorecida pela multiplicidade, superficialidade e delicadeza de seus musculos. Para conhecer um individuo, para estudar-lhe os estados de alma, é preciso olhar o seu rosto. O rosto fica sendo o territorio expressivo do corpo.

E no rosto, os olhos. Olhar o rosto de alguém, é ver;

olhar-lhe os olhos, é ver e ser visto, condição indispensavel para criar liames de simpatia, para fazer nascer reciprocidade afetiva.

Demais, os olhos, como diz a literatura, cintilam, fulguram, relampejam, lançam dardos, despedem setas, projetam raios. O olhar, agressivo e vulnerante, se fixa, se crava, atravessa. Ha olhares agudos, olhares ferinos, olhares penetrantes como punhais. Não está ai documentada a tendencia humana a materializar supostos fluidos? Vejam-se as ilustrações dos livros de magia ou dos anuncios de forças miraculosas: exibem, de regra, um grande olho humano, de onde saem, retos, rigidos, pungentes, feixes de raios visuais em divergencia.

Tal é a psicologia superficial do mau olhado. Certos homens, como outros seres vivos ou inertes, irradiam fluidos perigosos. Os órgãos que melhor se prestam a objetivar a fonte desses fluidos são os olhos. Daí a concepção supersticiosa do mau olhado.

## O MAU OLHADO PERANTE A PSICANALISE

Não nos contentemos, porem, com um exame de superficie. O fenomeno é mais complexo. Procuremos-lhe as raizes, no sub-solo da consciencia, com o prestimoso auxilio da psicanalise.

Não conheço estudo metodico do mau olhado à luz da psicanalise. Mas numerosos autores filiados à doutrina de FREUD e o proprio chefe da escola teem-se referido ao fenomeno e esboçado a sua explicação, de maneira que parece satisfatoria. Cabe-me apenas joeirar o pensamento dos mestres e construir a sintese metodica da crendice.

## ESCOPTOFILIA E MIXOSCOPIA

O olhar é uma das fontes de satisfação erotica. Vêr, sobretudo vêr o que de perto se relacione com a sexualidade,

ocasiona prazer que, desde a tenra infancia, o individuo procura usufruir. E' a *escoptofilia*, estudada por ABRAHAM (37).

O corpo dos pais, especialmente os orgãos ligados à reprodução, atraem as primicias da curiosidade infantil. Com poucos anos de vida, a criança quer contemplar esses orgãos, tomada de grande interesse.

Em numerosos adultos, permanece inteira e exclusiva essa escoptofilia infantil, que basta por si só a satisfazer o erotismo do individuo. E' então a *mixoscopia*, assim batizada por MOLL (38). Os "voyeurs" contentam-se com vêr. "Em muitos prostibulos", narra IVAN BLOCH, e, ao que se diz, tambem em hoteis, praticam-se intencionalmente furos nas portas, ou outros dispositivos, mediante os quais estes "voyeurs" ou "Gaga" possam espiar as cenas eroticas. Tambem nas casas de modas os homens espiam as senhoras que experimentam vestidos como me informou um colega de Paris" (39). O prazer sexual obtido pela simples contemplação de figuras obcenas, de fotografias de mulheres nuas ou mesmo de estatuas, entra tambem nesse grupo.

Isto se dá com alguns. Sobre a maioria, porem, atúa muito cedo a censura, o peso secular das restrições éticas, que reprime os desejos escoptofilicos, considerando-os criminosos. Parte consideravel dessa "tendencia a ver", recalcada desde a infancia, sublima-se. Derivam então fenómenos psíquicos importantes, cujas raizes se abeberam, em farta porção, na primitiva e abjurada escoptofilia. De começo, o desejo de *ver* coisas sexuais se transforma no desejo de *saber* coisas da sexualidade. Mais tarde, a depuração

---

37) Restrictions and transformations of scoptophilia in psycho-neurotics; With remarks on analagous phenomena in folk-psychology — in Selected Papers of Karl Abraham — trad. inglesa de Douglas Bryan e Alix Strachey, 1927, pag. 169.

38) Krafft-Ebing — Psychopathia sexualis — trad. franc. de R. Lobstein, 1931, pag. 279.

39) Ivan Bloch — La vita sessuale dei nostri tempi, trad. ital. de M. Carrara, 1921, pag. 495. Ver ainda Magnus Hirschfeld, Perversions sexuelles, trad. Franc. P. Vachet, 1931, pag. 264, assim como Havelock Ellis — Sélection chez l'Homme, trad. franc. Van Gennep, 1925, pag. 308.

progride, manifestando-se o interesse na observação da natureza, a tendencia para as artes apreciadas pelo olhar, o prazer das viagens, o impulso para a investigação, o anseio de saber.

Mas na mente dos primitivos, bem como na dos neuroticos, o impulso escoptofilico pode não chegar a sublimar-se: deforma-se, reveste-se de aspectos caricaturais e aberrantes. Contemplan os órgãos sexuais alheios fica sendo, não apenas proibido, mas de efeitos maleficos. Ve-los é chamar sobre si a punição de um crime; é grangear seguramente o sofrimento e a desgraça. Da prática desse ato vedado resultará um profundo mal estar, a que FREUD chamou “pena de talião”, isto é, a auto-punição pelo prazer logrado na visão de coisa proibida.

Se nociva a contemplação dos órgãos sexuais, é certamente que existe neles alguma força mística e malefica, que promana como um fluido vingador da ousadia. Os órgãos sexuais, portanto, irradiam o mal.

## OS OLHOS, SIMBOLO SEXUAL

Ora, os olhos, segundo a psicanalise, são um simbolo dos órgãos sexuais. Nos sonhos, nos mitos e materiais analogos, ha frequente substituição, filha da censura etica, dos órgãos reprodutores pelos olhos. Di-lo JONES, o chefe da psicanalise na Inglaterra: “os olhos são um dos mais comuns simbolos falicos”. RANK e outros, baseados em numerosas analises de sonhos, asseveram que os olhos podem, certas vezes, ter um sentido genital, ora masculino, ora feminino. EDER acentua que, nos sonhos, qualquer ato praticado em relação aos olhos, significa castração. Nos sonhos de mulher, os contactos com os olhos podem mascarar o ato sexual. FERENCZI, que estudou longamente o simbolismo dos olhos, reconheceu no tragico desfecho da lenda de Édipo, uma sim-

bolica substituição da auto-emasculação, isto é, auto-punição proporcionada com o crime de incesto (40).

A suposta influencia malefica dos olhos resulta, pois, desse seu papel substitutivo. “O credito no influxo dos olhos humanos, para o bem ou para o mal, tem sido, em todas as idades, bastante geral, e ainda persiste em nossos costumes, superstições e observancias religiosas. Pode ser demonstrado, fora de duvida, que isto provem do fato de serem os olhos e o olhar encarados simbolicamente como a expressão do órgão masculino e de sua função” (41).

As deduções da psicanalise não são, como muitos pensam, aprioristicas e filhas da imaginação. Nascem dos fatos vistos na vida usual ou analisados na clinica. ABRAHAM relata observações suas, de doentes do sexo feminino, que supunham possuir no olhar fluidos magicos, capazes de provocar excessiva excitação sexual, bem como o mal e a morte daqueles sobre que se assestassem os olhos. Daí as neuroses de carater visual. Uma moça, por exemplo, temia que o seu olhar aterrassse, ao ponto de imobilizar e matar instantaneamente. O temor cresceu com o tempo, e a moça teve que afastar-se do convivio social. Outra criara a fantasia de que o seu olhar assassinava. Este delirio, a principio só manifesto nos sonhos, foi aos poucos invadindo a vida real. A JONES se deve a observação de um doente com sinais analogos: perseguia-o a ideia de que, olhando alguém, pudesse fazer-lhe mal.

Pois bem: o estudo clinico dos tres casos, feito pelos metodos usuais da psicanalise, revelou em todos a substituição evidente dos órgãos sexuais pelos olhos.

## O DESRESPEITO DE OLHAR

Neurose, mentalidade primitiva, mentalidade supersti-

---

40) Ferenczi — *Symbolic representation of Pleasure and Reality Principles in the Oedipus Myth* (1932), in Karl Abraham op. cit. pag. 179.

41) Ernest Jones — *Traité theorique et pratique de Psychanalyse* — trad. fr. de S.Jankélévitch, 1925 pags. 467, 240 e 261.

ciosa, — são estados aparentados e com equivalentes manifestações.

Os selvagens que andam inteiramente nus, ou quasi nus, não possuem, segundo creio, a superstição do mau olhado. Não a encontrei, pelo menos, na literatura que pude compulsar. Acreditam em influencias mágicas do corpo todo, do hálito, da sombra. Mas não na concentração de eflúvios malignos nos olhos. Essa suposição, se exata, contribue para reforçar a doutrina psicanalítica do mau olhado. De fato, não se compreenderia, dentro dessa explicação, a necessidade de simbolos para substituir órgãos que usualmente estão à vista, e cuja contemplação não pode ser vedada.

Outras verificações, no folc-lore antigo, e certos preconceitos de nossos dias, concordam com a tese. Tal é a lenda do nascimento de Priapo, acima referida. Tal o fato de aparecer, em monumentos egipcios da antiguidade, um olho ao lado do órgão fálico (42). Mostrar a alguém os órgãos sexuais, mormente se com intenção, é desrespeito, senão verdadeiro crime. Assim também olhar. Os Indios Muyscas da Colombia tinham por seus chefes tal veneração, que não ousavam levantar os olhos para eles, voltando-lhes o rosto quando precisavam falar-lhes. Se um ladrão reincidente se mostrava incorrigível, levavam-no perante o chefe e um dos nobres, fazendo girar sobre si o culpado, lhe dizia: “Desde que te supões bastante importante para poderes violar a lei, tens o direito de encarar o chefe”. Desde então, o criminoso era considerado infame, todos o evitavam, e morria no desprezo. Montezuma, venerado por seus suditos como um deus, ligava tanta importancia a essa veneração que se, ao sair da cidade, via um homem levantar para ele os olhos, fazia matar o temerario. Havia entre os Medas uma lei pela qual ninguem podia ver o soberano (43).

O preconceito influe até hoje, na vida moderna. Encarar alguém, face a face, sem baixar os olhos, é familiaridade

---

42) Franceschi -- op. cit. pag. 31.

43) James George Frazer, *Tabou et les périls de l'âme*, 1927.

ou audacia e desrespeito. Os proprios simbolos religiosos de maior veneração não devem ser olhados.

### SIMILIA SIMILIBUS...

Dos olhos, — substitutivos dos órgãos sexuais, — defluem, como destes, radiações maleficas. Contra a ação de um órgão, oponha-se a de órgão equivalente. Os males da dentição se atalham com dentes de animais, ou, ao menos, com dentes de alho. Para prevenir as doenças dos olhos, nada como um “olho de cabra”. *Similia similibus curantur...*

Por isso, contra o mau olhado, que, na verdade, representa o efluvio maligno dos órgãos sexuais, oponham-se estes ultimos, ou a sua simbolização mais ou menos disfarçada. Não foi assim, com a demonstração viva da sua sexualidade, que se salvou Priapo? Certas mulheres das baixas camadas sociais mostram tambem a realidade, em sinal de desprezo ou de suprema afronta. Mas é a exceção. De regra, contentam-se com a figa, improvisada pelo gesto ou imobilizada no amuleto.

Pelo mundo afora, nos primordios da vida culta, foi assim. “Se as fantasias infantis são as mesmas, por toda parte, as fantasias das civilizações primitivas tambem são as mesmas, — apenas variando no material de expressão, colhido do meio diferente” (44).

Portanto, o modesto amuleto que pende do pescoço das crianças, ao lado de medalhas benzidas ou de lembranças de familia, e bem assim o gesto comezinho com que os supersticiosos procuram afastar as influencias más, são disfarces de um exibicionismo sexual defensivo, e, afinal de contas, uma obcenidade estilizada. E as suas raizes profundas mergulham nas tendencias escoptofilicas infantis.